

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

ALINE MARÍLIA PEREIRA DA SILVA

**STORYTELLING NA EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ESTRATÉGIA PARA O ENSINO
DA CAPOEIRA EM CONTEXTO ESCOLAR**

RECIFE

2025

ALINE MARÍLIA PEREIRA DA SILVA

**STORYTELLING NA EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ESTRATÉGIA PARA O
ENSINO DA CAPOEIRA EM CONTEXTO ESCOLAR**

**Monografia apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de licenciada em
Educação Física pela Universidade Federal
Rural de Pernambuco- UFRPE. Orientadora
Prof^a. Dr^a. Andréa Carla de Paiva**

RECIFE

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Israel Lacerda do Nascimento – CRB-4 2317

S586s Silva, Aline Marília Pereira da.
Storytelling na Educação Física: uma estratégia para o ensino da capoeira em contexto escolar / Aline Marília Pereira da Silva. – Recife, 2025.
33 f.

Orientador(a): Andréa Carla de Paiva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Educação Física, Recife, BR-PE, 2026.

Inclui referências.

1. Capoeira. 2. Educação física. 3. Educação física (Ensino fundamental). 4. Terapia narrativa 5. Pesquisa qualitativa. I. Paiva, Andréa Carla de, orient. II. Título

CDD 613.7

ALINE MARÍLIA PEREIRA DA SILVA

Aprovado em 26 de novembro de 2025.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Andréa Carla de Paiva (Orientadora)

Profa. Dra. Rosângela Cely Branco Lindoso (Examinador I)

Prof. Dr. Allan Delmiro Barros (Examinador II)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, minha base, por toda a paciência, incentivo e muito amor, que me levantava a cada momento em que eu me enchia de incertezas e medos com relação à formação. Também dedico à Aline de 2020, uma menina cheia de sonhos e incerteza que, com a ajuda de Deus, deu o primeiro passo. Que ela saiba que cada esforço, cada dúvida e cada superação valeram a pena.

AGRADECIMENTOS

“Não cheguei até aqui por minhas próprias forças, eu cheguei até aqui porque a boa mão do senhor está sobre mim.” (Neemias 2:18). Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida e por ter me guiado ao longo de toda essa trajetória.

Agradeço aos meus pais, Mônica e Adilson, por serem minha base, sempre me apoiarem e me acolherem quando eu pensava desistir. Obrigada por me ensinar o valor do esforço, da honestidade e da perseverança. Também sou grata por toda dedicação ao longo desses anos. Todos seus esforços resultam no que sou hoje, sem vocês eu nada seria e, por isso, tudo o que sou e tudo o que conquistei tem um pouco de cada um de vocês. Amo muito vocês!

Agradeço à minha irmã gêmea, Ana Alice por ser sinônimo de companheirismo, apoio e inspiração em minha vida. Quando através de palavras de encorajamento você esteve comigo em todos os momentos, desde os mais difíceis até aquelas pequenas vitórias que marcaram nossa caminhada. Fazendo muito mais do que prometemos uma pra outra: “Eu por você e você por mim pra sempre!”

Agradeço aos meus avós paternos, Severina e Antônio e maternos, Creuza (em memória) e Manoel, por desde quando eu ainda era uma menina, me estimularem a correr atrás dos meus sonhos e nunca desistir. Sua neta ouviu cada conselho e palavra de incentivo e hoje estou aqui para honrá-los.

Em especial, agradeço à minha avó Creuza, sua presença vive em mim e este trabalho também é uma forma de honrar sua memória. Que ela saiba que chegou o dia da realização de um sonho que também era dela. Sua Nininha tá se formando!

Agradeço ao meu amor, companheiro e melhor amigo, Vinicius, por estar ao meu lado, me apoiando e incentivando durante cada etapa dessa correria. Obrigada pela paciência nos dias de cansaço e por comemorar comigo minhas conquistas. Você foi e continua sendo parte essencial disso. “Eu vejo você!”

Agradeço à todos da minha família, Vocês estiveram ao meu lado nos momentos de alegria e de felicidade. Sempre me apoiando e incentivando que eu seguisse e alcançasse meus sonhos. Sou eternamente grata por tudo que fizeram e fazem por mim.

Agradeço aos meus amigos: João, Paulo, Marcos, Radmilla e Lígia. Vocês fizeram esse processo ser mais divertido e inesquecível. Obrigada por estarem

sempre por perto, celebrando comigo as conquistas, oferecendo apoio nas dificuldades e, principalmente, por compreenderem minhas ausências e, sempre que necessário, mostrarem que estavam lá por mim. Acreditem, estarei sempre por aqui por vocês também.

Agradeço à minha orientadora, Prof^a Dra. Andréa Carla de Paiva, por toda a paciência quando eu chegava desesperada para as orientações. Obrigada por todo incentivo que foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Agradeço a todo o corpo docente da universidade Federal Rural de Pernambuco que participaram da minha graduação, cada conhecimento repassado por vocês teve impacto em minha vida. Em especial, a minha banca examinadora, Prof^a. Rosângela Lindoso e Prof. Allan Delmiro, por aceitarem fazer parte desta etapa tão importante da minha vida.

Por fim, gostaria de agradecer à Universidade Federal Rural de Pernambuco - ou como é carinhosamente chamada, "Ruralinda", por ter sido casa ao longo desses anos de graduação. Sou grata por todo conhecimento que construí e cada oportunidade que me foi oferecida contribuindo para que eu siga novos caminhos com confiança e propósito.

“É justo que muito custe o que muito vale”

Santa Teresa D'Ávila

RESUMO

O presente estudo busca compreender as possibilidades didático-metodológicas do storytelling nas aulas de Educação Física no contexto da capoeira na Educação Física escolar. Para tanto, foram definidos como objetivos específicos, identificar a origem do storytelling e sua relação com a educação escolar, bem como, reconhecer suas possibilidades didático-metodológicas para as aulas de Educação Física, a partir da temática Capoeira. A pesquisa possui caráter qualitativo e bibliográfico, considerando que trabalhamos a contextualização para o problema e a análise das possibilidades apresentada pela literatura consultada para a concepção do referencial teórico da pesquisa. Destacamos o “contar histórias” como possibilidade de engajamento e a participação ativa dos estudantes nas aulas de Educação Física, mais especificamente o conteúdo da capoeira, valorizando sua riqueza histórica. Além disso, é discutido o papel das narrativas no processo de ensino-aprendizagem e, atrelado a uma concepção crítica de educação, é apresentado uma proposta prática de storytelling como uma possibilidade didático-metodológica na abordagem da temática Capoeira, a partir de uma história autoral intitulada “Entre correntes e grilhões: O som da esperança”. Em linhas gerais, a análise indica que o uso do storytelling como uma estratégia de ensino nas aulas de Educação Física contribui para o engajamento dos estudantes e favorece uma educação emancipatória.

Palavras chaves: Educação Física Escolar; Storytelling; Capoeira

ABSTRACT

This study seeks to understand the didactic-methodological possibilities of storytelling in Physical Education classes within the context of capoeira in school Physical Education. To this end, the specific objectives were defined as identifying the origin of storytelling and its relationship with school education, as well as recognizing its didactic-methodological possibilities for Physical Education classes, based on the theme of Capoeira. The research has a qualitative and bibliographic character, considering that we worked on contextualizing the problem and analyzing the possibilities presented by the consulted literature for the conception of the theoretical framework of the research. We highlight "storytelling" as a possibility for engagement and active participation of students in Physical Education classes, more specifically the content of capoeira, valuing its historical richness. Furthermore, the role of narratives in the teaching-learning process is discussed and, linked to a critical conception of education, a practical proposal of storytelling is presented as a didactic-methodological possibility in the approach to the theme of Capoeira, based on an original story entitled "Between Chains and Shackles: The Sound of Hope". In general, the analysis indicates that the use of storytelling as a teaching strategy in Physical Education classes contributes to student engagement and promotes emancipatory education.

Key words: School Physical Education, Storytelling, Capoeira

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	11
2.METODOLOGIA DA PESQUISA	14
3. STORYTELLING E CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO	16
3.1.Da Passividade à Participação: compreendendo as bases do aprender ativo....	16
3.2. Contar Para Ensinar: as origens do storytelling.....	19
3.3. História Em Ação: o storytelling como caminho para ensinar capoeira	22
4. CAPOEIRA NA ESCOLA: conhecendo um pouco sobre sua prática.....	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
6. REFERÊNCIAS.....	30

1. INTRODUÇÃO

Ao falar de qualquer tema relacionado à educação básica é primordial compreender a escola e seu papel social. Nesse sentido, ao analisar no âmbito legislativo é possível entender que a escola, enquanto uma instituição social, deve ultrapassar os limites da transmissão de conteúdos. Logo, a finalidade da educação básica, de acordo com a lei nº 9.394/1996 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), é:

A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores. (Brasil, 1996, art. 22)

Com isso, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996) amplia que todos os estudantes têm direito a uma base comum de conhecimentos e valores, que permita compreender o mundo, respeitar as diferenças e participar das decisões da sociedade. Como também, reconhece que a escola deve preparar o aluno de modo a oferecê-los competências e habilidades que o ajudem a construir uma profissão. Ou seja, prepara o estudante para o ingresso no mundo do trabalho.

Reforçando essa perspectiva, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece que:

[...] a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. (Brasil, 2018, p. 14)

Destarte, a educação deve contemplar o desenvolvimento das dimensões intelectual, física, afetiva, social, ética e moral dos estudantes. A partir disso, a escola é provocada a assumir um papel ativo na construção de sujeitos críticos e criativos.

Durante muito tempo, o cenário educacional se constituiu em práticas pedagógicas tradicionais, na qual o professor era centrado como principal transmissor do conhecimento e, nessa época, predominavam aulas expositivas como estratégia dominante (Pereira, 2013). Porém, nas últimas décadas, não raro se discute acerca das profundas transformações que o ensino tem vivenciado, decorrentes principalmente, do avanço tecnológico.

A educação vem passando por muitas mudanças, na forma do professor conduzir sua aula e na interação entre os envolvidos nos processos de ensino e de aprendizagem. Os alunos estão mudando e os professores

também, pois eles agora estão comprometidos com a tecnologia educacional. Nesse aspecto, os professores tiveram que se adaptar ao novo sistema, em que as tecnologias digitais estão inseridas. (Nonato *et al.*, 2021, p.8)

Este fato evidencia que tanto existe a descentralização da figura docente como única fonte de conhecimento, quanto aulas expositivas não são mais eficazes e nem atendem a expectativa dos alunos dessa geração, visto que eles estão muito mais conectados e acostumados com a interatividade.

Ou seja, as aulas exclusivamente expositivas vem mostrando inúmeras limitações frente às exigências sociais. Portanto, no que tange a eficácia do processo de ensino-aprendizagem fica evidente que há uma necessidade de tornar a trajetória desse processo mais atrativa, engajada, dinâmica e significativa para os estudantes.

Nesse contexto, surgem as estratégias didáticas, a partir das metodologias ativas de aprendizagem, como uma ferramenta que pode aproximar o processo formativo ao que se exige de competência para o perfil profissional hoje, além de promover experiências de aprendizagem mais participativas e dinâmicas.

Pensando em atingir as expectativas desse perfil de estudantes mais “conectados” e acostumados com ambiente de interatividade, dentre as estratégias de ensino, o storytelling destaca-se por tratar da incorporação da contação de histórias ao contexto pedagógico com o intuito de, a partir delas, criar um estado de absorção do conhecimento e envolvimento dos alunos.

As narrativas, quando habilmente elaboradas, têm o poder de empoderar tanto o narrador (o professor) quanto a audiência (estudantes), desafiando as hierarquias tradicionais entre professor e aluno. Por meio dessa abordagem, os estudantes são encorajados a participar ativamente na construção e resolução de problemas, transformando a sala de aula em um ambiente dinâmico e colaborativo. (Bortolazzo, 2024, p.22)

Nesse sentido, o Storytelling resulta num feedback positivo para a aprendizagem e engajamento dos estudantes nas aulas, além de motivá-los para a aquisição de novos conhecimentos. Este procedimento exige que eles vivenciem a experiência imersiva dentro de seu ambiente de aprendizado, bem como permite o resgate da ludicidade na compreensão dos conteúdos.

No âmbito da Educação Básica, tal estratégia vem se mostrando promissora para, além de aumentar o engajamento e a participação ativa dos estudantes,

favorecer a construção de competências acadêmicas e profissionais. Tendo em vista que,

Uma das formas pelas quais o storytelling pode ser utilizado é para aumentar o engajamento dos estudantes, pois histórias bem contadas capturam a atenção e transformam lições monótonas em aventuras envolventes. Além disso, ele auxilia na compreensão de conceitos complexos. Quando informações difíceis são apresentadas dentro de uma narrativa, elas se tornam mais fáceis de entender e lembrar. Outro benefício do storytelling é o desenvolvimento de habilidades importantes, como criatividade, comunicação e pensamento crítico. (Barros, 2025, p.8)

Desse modo, o storytelling rompe com o que se tinha num modelo tradicional de concepção da educação. Já que nesse modelo o professor é o único que detém e transmite o conhecimento e os alunos recebem esse conhecimento passivamente. Como explica Saviani (2008, p. 6), “[...] as escolas eram organizadas na forma de classes, cada uma contando com um professor que expunha as lições, que os alunos seguiam atentamente, e aplicava os exercícios, que os alunos deveriam realizar disciplinadamente.”

Logo, essa pesquisa é uma oportunidade de mergulhar no contexto dos estudos de estratégias de ensino, aprofundando novos conhecimentos e explorando formas mais dinâmicas e eficazes de ensino. Além disso, poderá contribuir com práticas criativas e alinhadas com as necessidades dos estudantes, a partir das aulas de Educação Física.

Portanto, este estudo é importante por tratar-se de um tema atual e de extrema importância tanto no ensino básico, quanto no superior. Pois há sempre desafios para promover aprendizagens significativas. Com isso, ao aplicar elementos da contação de histórias em ambientes de ensino, o storytelling se destaca como uma estratégia de ensino bastante eficaz para promover tais aprendizagens.

O interesse por esta temática surge a partir de uma experiência significativa de aprendizado que vivenciei na graduação, em uma aula de Metodologia do Ensino da Dança. Na referida aula, a professora abordou a origem do xaxado à luz do storytelling como uma estratégia de ensino. Daí surge o meu interesse em investigar o potencial do storytelling como uma ferramenta de ensino nas aulas de Educação Física escolar.

Através da vivência dessa aula foi possível reconhecer que existem diversas possibilidades de aplicação do storytelling dentro de outras temáticas da Educação Física Escolar. Sendo assim, escolhi a capoeira porque, enquanto patrimônio cultural

imaterial do Brasil, ela carrega em sua origem uma história de resistência e liberdade. Na qual, através da contação de história como um recurso didático, é possível permitir aos estudantes a compreensão de aspectos sociais e culturais enquanto se expressam corporalmente de maneira simbólica e reflexiva.

Diante disso, surge a seguinte questão de pesquisa: como utilizar o storytelling como estratégia didático-metodológica nas aulas de Educação Física, a partir da temática Capoeira?

Portanto, esta pesquisa objetiva compreender as possibilidades didático-metodológicas do storytelling nas aulas de Educação Física no contexto escolar. Com esse propósito, terá como objetivos específicos: Identificar a origem do storytelling e sua relação com a educação escolar; reconhecer suas possibilidades didático-metodológicas para as aulas de Educação Física, a partir da temática Capoeira.

2. METODOLOGIA DA PESQUISA

Com o intuito de atingir o objetivo geral de “Compreender as possibilidades didático-metodológicas do storytelling nas aulas de Educação Física no contexto escolar”, utilizamo-nos da pesquisa do tipo bibliográfica. Pois, segundo Cervo; Bervian; Silva (2007, p. 60), “A pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em artigos, livros, dissertações e teses.

Para ser definido o enquadramento do delineamento da pesquisa, Prodanov e Freitas (2013, p.54) explica que, dependendo do tipo de fonte utilizada,

podem ser definidos dois grandes grupos de delineamentos: aqueles que se valem das chamadas fontes de papel (pesquisa bibliográfica e pesquisa documental) e aqueles cujos dados são fornecidos por pessoas (pesquisa experimental, pesquisa ex-post-facto, o levantamento, o estudo de caso, a pesquisa-ação e a pesquisa participante)

Dessa forma, este trabalho terá embasamento em produções já existentes que estejam relacionadas às seguintes palavras-chave: “Storytelling”; “Metodologias ativas”, de modo a selecionar e descrever produções atuais. E, por isso, será caracterizado como bibliográfico.

Ao falar sobre as vantagens desse tipo de pesquisa, Gil (2002, p.45) afirma que “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que

aquela que poderia pesquisar diretamente.” Ou seja, ela possibilita o acesso a uma quantidade maior de informações do que o pesquisador conseguiria observar sozinho na prática.

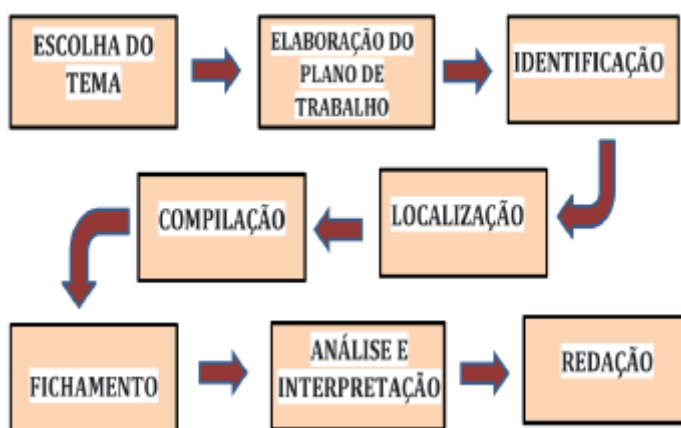
Ademais, esta pesquisa possui caráter qualitativo quando, de acordo com Godoy (1995), não pretende utilizar dados estatísticos, nem enumerar eventos para analisar resultados. Visto que a pesquisa qualitativa,

Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.(Godoy, 1995, p.58)

Além disso, Brito; Oliveira; Silva (2021,p.4) reitera que “[...] a opção pela abordagem qualitativa é perfeitamente cabível quando a pesquisa a ser desenvolvida, requerer visão ampla do objeto que será estudado [...]” Isto é, esse tipo de pesquisa busca entender como e por quê algum fenômeno acontece.

Quanto às etapas das pesquisas bibliográficas, Lakatos e Marconi (2003, apud Brito; Oliveira; Silva, 2021, p.8) define como sendo “escolha do tema; elaboração do plano de trabalho; identificação; localização; compilação; fichamento; análise e interpretação e redação.”.

Figura 1 - Fases da pesquisa bibliográfica



Fonte: Brito; Oliveira; Silva (2021)

Segundo o exposto na imagem, elaborada por Brito; Oliveira; Silva (2021), as fases da pesquisa bibliográfica seguem uma sequência que tem início com a escolha do tema, na qual o pesquisador deve definir um assunto importante e evitar

temas amplos, que dificultariam uma análise mais rebuscada. Feito isso, elabora-se o plano de trabalho contendo, conforme Lakatos e Marconi (2003, apud Brito; Oliveira; Silva, 2021) “considerar a estrutura geralmente utilizada em trabalho científico, ou seja, introdução, desenvolvimento e conclusão.”

Em seguida, é o momento da identificação das fontes, que é destinado à procura de textos relacionados ao tema, a seleção desse material e o registro de onde foram encontrados. Logo após, ocorre a localização e compilação dessas obras, ou seja, reunir de forma sistematizada.

Com o material já escolhido, o pesquisador começa a fazer os fichamentos, anotando as ideias mais importantes e as informações essenciais de cada texto. E, por fim, vem a fase de análise e interpretação. É nesse momento que ele examina o conteúdo com olhar crítico, identifica os pontos centrais, organiza os dados e dá sentido a eles. Afinal, os dados por si só não dizem muita coisa, eles só ganham significado quando o pesquisador os interpreta.

3. STORYTELLING E CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO

3.1. Da Passividade à Participação: compreendendo as bases do aprender ativo.

Ao refletir sobre a trajetória da educação brasileira, percebe-se que existe uma forte influência de modelos pedagógicos de caráter tradicional, na qual o professor era tratado como o principal detentor do conhecimento e o aluno era mantido como passivo/recebedor de conhecimento.

Portanto, todo o processo educacional gira em torno do professor- ele ocupa uma posição central. Bem como, o professor assume uma postura de transmissão do conhecimento verticalizada, na qual não há diálogo, troca ou construção do conhecimento. Enquanto que o aluno limita-se a memorizar e reproduzir informações, resultando numa aprendizagem mecânica e superficial.

Saviani (2008, p. 5) ao criticar esse modelo tradicional explica que nesse contexto a escola tinha como papel fundamental, “difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente”. Entretanto, com o tempo este modelo sucedeu, como ele mesmo diz, numa “crescente decepção”. Pois,

A referida escola, além de não conseguir realizar seu desiderato de universalização (nem todos nela ingressavam e mesmo os que ingressavam nem sempre eram bem-sucedidos) ainda teve de curvar-se ante o fato de que nem todos os bem-sucedidos se ajustavam ao tipo de sociedade que se queria consolidar. (Saviani, 2008, p.6)

Trazendo para a atualidade, esse modelo apresentou limitações cada vez mais evidentes. Pois, com o avanço da sociedade da informação e o advento de novas tecnologias enfatizou-se ainda mais que o processo educativo deve ser repensado de maneira flexível, considerando não apenas a necessidade de preparar os alunos para o mundo globalizado mas também a realidade que os cerca. Nesse sentido, Imbérnon (2006 apud Tavarayama; Silva; Martins, 2012, p.256) afirma que,

Em face desse novo paradigma é preciso readequar a educação às novas exigências e mudanças sociais no sentido de formar cidadãos mais participativos, críticos e protagonistas a fim promover uma sociedade mais democrática e igualitária.

Portanto, é inegável a necessidade de inovações no ensino, no sentido de tornar a aprendizagem mais significativa e participativa. Diante disso, surgem as metodologias ativas¹ como uma alternativa que foge das práticas tradicionais de ensino, resultando na promoção da autonomia, pensamento crítico e participação ativa dos estudantes.

Antes de falar sobre as metodologias ativas, é necessário explorar correntes pedagógicas que estão alinhadas ao que elas propõem, pois elas ajudam a entender a modificação do processo de aprendizagem, tendo em vista que os debates sobre metodologias não são algo recente. Pois, no fim do século XIX, alguns teóricos já tratavam da necessidade de superar o caráter tradicional das metodologias da época.

Portanto, ao observar a evolução do pensamento pedagógico, nota-se que as ideias de Vygotsky (1995) - concepção socioconstrutivista -, Piaget (concepção construtivista) e Dewey (1979) - aprendizagem pela experiência - já antecipavam o movimento em direção a práticas mais participativas e significativas. Embora partam de perspectivas distintas, todas apontam para a necessidade de um ensino mais dinâmico.

¹ Apesar da palavra “Metodologias”, para este trabalho consideramos as metodologias ativas como procedimentos/estratégias de ensino, fundamentado no que defende Lígia Martins (2016). Para fins de aprofundamento neste tema, investigar o texto:

- MARTINS, Lígia Márcia. Elementos Fundamentais da Prática Pedagógica.[S. l.]: [S. n.],2016a.

Vygotsky (1995) esclarece como práticas pedagógicas centradas no aluno dialogam com a necessidade contemporânea de tornar o ensino mais significativo e participativo. Nessa concepção, valoriza-se o diálogo, a cooperação e a mediação cultural como instrumentos essenciais para a aquisição de conhecimentos e habilidades. Bem como, reconhece o aluno como sujeito que constrói conhecimento em interação com o meio.

[...] o aspecto mais essencial de nossa hipótese é a noção de que os processos de desenvolvimento não coincidem com os processos de aprendizado. Ou melhor, o processo de desenvolvimento progride de forma mais lenta e atrás do processo de aprendizado[...] (Vygotsky, 1995, p. 118)

Dessa forma, a perspectiva vygotskyana afirma que o aprendizado acontece primeiramente no plano social, por meio de interações com os outros, e somente depois no individual quando internalizamos o conhecimento.

Enquanto que por um lado, Vygotsky (1995) enfatiza o papel social da aprendizagem, do outro Piaget destaca o aspecto individual e construtivo do conhecimento. Para Piaget, o conhecimento se forma pela ação e pela reflexão sobre a ação. Nela, o desenvolvimento cognitivo ocorre por meio de equilíbrio - o movimento entre a assimilação e acomodação.

Aqui, cabe introduzir as noções de Esquema, Assimilação e Acomodação. Os Esquemas são estruturas mentais referentes a um todo organizado, estando relacionados com uma estrutura cognitiva específica. A Assimilação concerne à capacidade de o sujeito incorporar objetos da cognição à sua estrutura cognitiva. A Acomodação concerne ao reajustamento ocorrido na estrutura de modo a poder incorporar o novo objeto. O equilíbrio entre a assimilação e a acomodação recebe o nome de equilíbrio. (Corrêa, 2017, p. 380)

O conhecimento não é transmitido, mas construído pelo próprio sujeito, a partir de sua interação com o meio. Avançando na linha teórica, na concepção de John Dewey, entende-se que a educação é uma experiência viva e contínua. Para ele, não trata-se de acumular informações mas sim, viver experiências reais e refletir sobre elas.

Portanto, a escola não deve se limitar a exercícios repetitivos e descontextualizados. Em vez disso, ela deve criar situações reais de aprendizagem que conversem com a realidade do aluno e reflitam a vida fora de sala de aula.

a escola deve proporcionar situações autênticas ou verdadeiras, nas quais a participação pessoal do educando incute a compreensão da matéria e dos problemas que a situação promove. Sob o ponto de vista do educando as experiências resultantes terão valor por si mesmas; e, do ponto de vista do

professor, serão também meios de suprir a matéria necessária para a compreensão da instrução que se transmite por "sinais" e símbolos, e de provocar as atitudes de receptividade mental necessária para o interesse pela matéria simbolicamente transmitida. (Dewey, 1979, p.256)

Nesse sentido, a compreensão não nasce simplesmente pela escuta, mas sim da ação, da experimentação e da reflexão, sendo portanto, um processo prático e mental. No que tange a prática pedagógica do docente, é necessário enfatizar que a centralidade do ensino não está na mera transmissão do conteúdo, mas na capacidade que o professor possui de integrá-lo à experiência.

A partir dessas concepções teóricas, constata-se que há uma mudança profunda na compreensão do processo de aprendizagem. É perceptível que, cada vez mais, nos aproximamos de uma construção ativa e significativa do saber. E isso vem dando fundamento para as metodologias ativas de ensino que compreendem os alunos como protagonistas do seu aprendizado. Essa mudança representa ruptura paradigmática, pois desloca o foco do ensino para a aprendizagem, portanto, compreende-se as metodologias ativas como estratégias centradas no estudante.

Nesse sentido, as metodologias ativas propõem uma inversão na lógica da sala de aula. Enquanto antes tínhamos os alunos numa postura passiva com relação a obtenção do conhecimento, agora o aluno será estimulado a protagonizar o seu processo educativo. Sendo provocado a refletir, pesquisar e construir o próprio conhecimento por meio da experiência.

Neste sentido, as metodologias ativas aparecem atualmente com o propósito de devolver ao sujeito sua autonomia e capacidade de pensamento crítico, retomando a possibilidade – e necessidade – de assumir seu papel enquanto sujeito de si, livre para questionar e criticar e devolvendo à educação sua essência: a liberdade. (Albuquerque et al., 2023, p. 151)

Para essas estratégias configura-se uma postura educativa que valoriza a participação, o diálogo e a contextualização.

3.2. Contar Para Ensinar: as origens do storytelling

Storytelling, ou, na tradução, contar histórias, trata-se de uma prática que surgiu desde os primeiros passos da humanidade. Para os primórdios, mesmo antes do surgimento da escrita, esse ato era de extrema importância. Pois, promoveu a disseminação de saberes e valores. Quando o ser humano, reunido em torno do fogo, buscava dar sentido às suas próprias experiências em torno das palavras e da imaginação.

Ou seja, através da narração, além de transmitir informações, garante-se a preservação das memórias e dos ensinamentos de uma geração . Isto posto, como explica Barros (2025, p.5), “[...] os primeiros seres humanos reconheciam a importância de transmitir informações e se comunicar. Desse instinto surgiu o ato de contar histórias, uma poderosa ferramenta de comunicação [...]].

Mais à frente na história da humanidade, mais especificamente nas civilizações gregas, encontramos a “*Paideia*”, que trata-se de um sistema de educação na Grécia antiga que visava o desenvolvimento integral dos indivíduos.

A palavra *paideia* é ligada ao radical *pais*, *paidos*, que significa criança. O verbo *paideúo* é traduzido por criar, instruir e formar. A *paideia* pode ser compreendida como processo de formação da criança e também de instrução do jovem. Entender os gregos é compreender o conceito de se tornar grego, pela educação na vivência da *areté* (excelência), que não se desenvolve de forma espontânea. (Ferreira, 2020, p.14)

Portanto, os gregos se baseavam no fato de que a formação integral do indivíduo, não está ligada apenas na instrução intelectual, mas na formação do caráter, senso moral, o modo de pensar, agir e se relacionar com o mundo. Ou seja, muito do que entendemos hoje por educação, cultura e humanidade foi herdado dos gregos.

Ferreira (2020, p. 14) afirma: “Quando se fala em educar, é impossível não se pensar nessa civilização, cuja reflexão, por imagens, remonta a monumentos, pessoas, modos de viver, de falar, vestir, pensar e agir.” Entende-se portanto que, a partir desse povo, enxergamos a educação como um ser humano capaz de buscar a *areté*, ou seja, a excelência - no sentido de ser o melhor de si mesmo.

Ora, se educar é conduzir à excelência, como faziam, então, os gregos? De que modo o saber, o mito e a experiência se entrelaçavam na formação daqueles que buscavam o *areté*?

Como já dito antes, na Grécia Antiga, a educação ia além do simples ato de instruir. A *Paidéia* não se reduzia a um conjunto de conteúdos, mas a um modo de ser e compreender o mundo. Diante disso, as narrativas e os mitos ocupavam papel central na formação dos indivíduos. Pois, neles transmitia-se ideias de conduta. Sobre os mitos, Malta (2012 apud Ferreira, 2020, p. 19-20) explica:

Do mito grego, é possível apontar resumidamente as quatro características principais. A primeira delas é que se trata de um discurso oral, e com oral não queremos dizer que esse discurso pode ser transmitido oralmente, e sim que sua existência está condicionada à presença de uma voz ritmada; é

ela que detém o poder de encantamento, de dar a ver e conhecer, de comunicar (no sentido forte); é nela, e não na escrita, que reside a sabedoria. Em segundo lugar, o mito é um discurso tradicional, que se orienta em sua forma e conteúdo para e/ ou pelo passado (muitas vezes assumindo um viés ideológico); sua intenção é preservar para o grupo o legado comum, que se mantém relativamente estável. Em terceiro lugar, é um discurso religioso, no sentido que se trata direta ou indiretamente, das relações entre homens e deuses: nele as esferas natural, social, moral e psicológica se confundem com o sobrenatural; essa relação é ilustrada pela própria visão do mito grego como um discurso em que o homem (aedo) entra em contato com o deus (Musa). E por último, é um discurso que se apoia na imagem como elemento capaz de explicar todo o tipo de fenômeno, de tal forma que as coisas- mesmo as mais impalpáveis para nós- podem ser apreendidas de maneira concreta.

O mito, portanto, funcionava como uma forma primitiva de storytelling educativo, em que o conhecimento não era imposto, mas vivido e sentido por meio das palavras. Ao ouvir e recontar as histórias de heróis, deuses e figuras exemplares, não só aprendia-se sobre o passado de seu povo, mas internalizava-se padrões de comportamentos, coragem, justiça e sabedoria. Nesse mesmo sentido, Machado (2006, p. 115) afirma: “O texto oral concebido como voz cultural, é ato de palavra citada, em que a voz poética é sobretudo memória.”

Ao trazer para o contemporâneo, tal prática se configura através do storytelling. Isso ocorre por diversos motivos, seja como uma resposta à uma necessidade humana de encontrar sentido num mundo hiperconectado na qual se tem excesso de informação, ou devido ao advento das tecnologias digitais que possibilitaram a expansão da forma de contar histórias.

Antes a narração limitava sua existência de forma oral - nas histórias faladas- ou na forma literária - como nos livros. Porém, com o surgimento da internet, das mídias digitais, as possibilidades narrativas cresceram muito. Portanto, permitiu-se novas maneiras de criar e vivenciar histórias - não apenas ouvindo ou lendo, mas também vendo, interagindo e participando.

Diante disso, é imprescindível o esclarecimento acerca das diferenças conceituais de narrativas e storytelling. Apesar de frequentemente utilizados como sinônimos, eles possuem diferenças sutis. A narrativa trata-se do ato de contar histórias, ou seja, toda a estrutura que organiza personagens, tempo, espaço e acontecimentos em uma sequência lógica. Assim a narrativa pode existir independente da intenção e do engajamento do público.

Por outro lado, o storytelling vai além da simples narração. trata-se, portanto, de uma estratégia que utiliza esses elementos narrativos de forma intencional² para estimular a reflexão e, conseqüentemente, promover a aprendizagem ativa dos estudantes.

Desse modo, se o storytelling instiga os estudantes a aprender por meio das histórias e, com isso, dá significado às práticas corporais, abre-se espaço para a reflexão sobre sua aplicação em conteúdos que carregam um forte arcabouço cultural e identitário. Exposto isso, o conteúdo da capoeira surge como um espaço rico e favorável para o desenvolvimento de práticas narrativas e reflexivas por trazer consigo uma história viva de resistência, ritmo e ancestralidade.

3.3. História Em Ação: o storytelling como caminho para ensinar capoeira

A Educação Física, se insere no contexto escolar, entendendo sua função formativa e a importância da seleção de conteúdos para compreender toda a diversidade de culturas que existem no Brasil.

Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei Nº 9394/1996, a Educação Física configurou-se como um componente curricular obrigatório na educação básica. Tal conquista foi importantíssima. Pois, como o Coletivo de Autores (1992) reforçam,

O currículo capaz de dar conta de uma reflexão pedagógica ampliada e comprometida com os interesses das camadas populares tem como eixo a constatação, a interpretação, a compreensão e a explicação da realidade social complexa e contraditória. (Coletivo de Autores, 1992, p.17)

Ou seja, entendendo que o currículo verdadeiramente transformador é aquele que busca formar cidadãos críticos e conscientes, a integração da Educação Física como um componente curricular viabilizou o reconhecimento de seu objeto de estudo - Cultura Corporal de Movimento - como fundamental para a formação integral do sujeito.

Ainda discutindo sobre o currículo, o Coletivo de Autores (1992) destacam que nessa realidade de currículo,

² Toda narrativa carrega uma intencionalidade comunicativa, ainda que de modo implícito. O narrador busca transmitir uma mensagem. Portanto, nenhuma narrativa é neutra. No entanto, no storytelling, essa intencionalidade torna-se planejada, uma vez que a narrativa é utilizada de forma estratégica para provocar uma reação específica no público, partindo de ensinar até criar identificação com a experiência narrada.

[...] se questiona o objeto de cada disciplina ou matéria curricular e coloca-se em destaque a função social de cada uma delas no currículo/ Busca situar a sua contribuição particular para explicação da realidade social e natural no nível do pensamento/reflexão do aluno. (Coletivo de Autores, 1992, p.17)

Diante disso, é possível entender que a ausência dessa disciplina comprometeria a totalidade da formação humana, uma vez que excluiria o corpo como dimensão de conhecimento e experiência. À vista disso, reconhecida a importância da Educação Física como um componente curricular essencial, o currículo escolar deixa de restringi-la a aspectos biológicos e passa a valorizar os elementos socioculturais presentes nas práticas corporais. Assim sendo, a seleção dos conteúdos a serem abordados em sala e a abordagem que será utilizada se torna imprescindível para a compreensão da diversidade cultural existente na sociedade brasileira.

Nesse cenário, compreendida enquanto manifestação da cultura corporal, a capoeira aparece como um conteúdo de valor único. Sua inserção no currículo, como previsto na lei nº 11.645/2008 - que dispõe da obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas - contribui para a valorização de saberes historicamente marginalizados. Visto que, por muito tempo, o conhecimento que era adquirido na escola privilegiava saberes oriundos de uma cultura europeia e ocidental.

Logo, ao trabalhar a capoeira na Educação Física rompe-se com o cenário que existia na qual essa prática, assim como outras de grupos oprimidos, eram tratadas como expressões culturais excluídas e silenciadas. Dialogando com essa ideia, Saviani (2011, p. 14) argumenta que,

[...] a escola é uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado. Vejam bem: eu disse saber sistematizado; não se trata, pois, de qualquer tipo de saber. Portanto, a escola diz respeito ao conhecimento elaborado e não ao conhecimento espontâneo; ao saber sistematizado e não ao saber fragmentado; à cultura erudita e não à cultura popular.

Desse modo, Saviani defende que, ao aderir ao currículo esses saberes marginalizados, como a capoeira, haverá a ampliação do repertório de saberes sistematizados e a função social da escola é cumprida. Pois, essa expressão corporal é parte do patrimônio cultural e histórico do povo brasileiro.

De acordo com Melo (2011), é imprescindível a compreensão da função da capoeira na escola, pois, mesmo diante de diversas evidências que demonstrem a

relevância desta prática no âmbito escolar, é necessário cautela para evitar um equívoco comum que é, como ele mesmo destaca:

[...]esta manifestação corporal pode transformar a realidade por si só, como fenômeno independente que guarda “bons valores” intactos, mas, como prática social que é produzida pelos sujeitos que atuam e são influenciados pelas contraditórias e conflituosas relações estabelecidas no contexto da sociedade brasileira. (Melo, 2011, p.194)

Ou seja, é errôneo pensar que a capoeira, sozinha, transforma a realidade social dos alunos ou da escola. Logo, a capoeira deve ser entendida como uma prática cultural viva, uma manifestação cultural que expressa identidade e resistência.

Ainda criticando algumas questões relativas à inserção desta modalidade na escola e na Educação Física, o autor afirma evidencia que:

Contudo, definitivamente, a inserção da capoeira na escola deve superar concepções compensatórias que reduzem suas possibilidades educacionais ao auxílio das aprendizagens dos conteúdos e linguagens que, historicamente, já estão legitimadas dentro do currículo escolar. Assim, deve-se enfatizar todo potencial educativo desta manifestação cultural, principalmente, no que se refere à sua participação no processo de educação das relações étnico-raciais e valorização do patrimônio cultural afro-brasileiro. (Melo, 2011, p.197)

Seguindo tal lógica, dentro do contexto escolar a capoeira não deve ser tratada como uma ferramenta acessória para reforçar esses conhecimentos que um currículo tradicional valoriza mais. Pois, isso resultará na restrição do potencial educativo da capoeira, disseminando uma idéia errônea de que esse conhecimento é mais importante que o conhecimento popular produzido culturalmente.

Após compreender o sentido pedagógico da capoeira na escola, é inegável a rica bagagem de conteúdos que podem ser desenvolvidos a partir da prática da capoeira. Bem como é possível também refletir sobre estratégias de ensino que permitam a apresentação desses saberes de forma mais envolvente.

Portanto, visando atingir as perspectivas de uma boa prática pedagógica dos conteúdos da capoeira em contexto escolar, torna-se relevante a busca de estratégias de ensino que dialoguem com a função real da capoeira no contexto escolar, função essa que não reduz a capoeira a técnica corporal, mas sim a valorização das raízes africanas da cultura brasileira.

Com isso, a seguir traremos um exemplo de aplicação do storytelling em um conteúdo da capoeira, buscando essa valorização e respeitando o potencial educativo desta temática.

4. CAPOEIRA NA ESCOLA: conhecendo sua prática por meio do storytelling

A capoeira, enquanto manifestação cultural brasileira, apresenta-se como um conteúdo significativo para a implementação de práticas pedagógicas na Educação Física Escolar, pois, mais do que uma prática corporal, ela possibilita a reflexão crítica sobre questões relevantes, como a educação antirracista e as questões de gênero, tanto no âmbito de sua execução quanto em suas implicações sociais e culturais (Venâncio, 2024).

Para Venâncio e Lemos (2023), “A capoeira pode ser compreendida como uma manifestação multifacetada, englobando elementos de luta, dança, brincadeira e jogo, entre outros.” Nesse sentido, a capoeira não pode ser minimizada à uma única dimensão. É necessário compreender a capoeira a partir de um olhar para a sua complexidade cultural, reconhecendo que sua riqueza está ligada à sua diversidade de formas de expressão.

Ao tratar da origem da capoeira, Campos (2001) relata que existem diversas hipóteses que tentam explicar de onde ela surgiu. Entretanto, existem duas fortes correntes. Na qual, uma confirma que a capoeira veio para o Brasil, através dos escravos, e a outra diz que a capoeira surge aqui no Brasil como uma invenção dos escravos. Porém, Campos (2001) ao afirmar isto, alerta para o fato de que,

[...] vários pesquisadores que estiveram na África, principalmente em Angola, jamais encontraram vestígio algum de uma luta parecida com a nossa Capoeira. Ainda para reforçar esta hipótese do aparecimento da Capoeira no Brasil, não existem nomes de golpes nem de toques em língua africana, como por exemplo no Candomblé. (Campos, 2001, p.19)

Portanto, tudo indica que a capoeira constitui-se como uma expressão cultural de origem brasileira.

No que tange a etimologia da “Capoeira”, Campos (2001, p.21) explica que ela recebeu, ao longo da história, diversas interpretações. Entre as mais aceitas estão as que surgiram de línguas indígenas, como “Caa-Apuam-era”, “Co-puera” e “Caápuera”, ligadas ao sentido de “mato que foi”. Além de outras explicações que apontam para sua relação com uma ave (uru) chamada capoeira. A partir dessa

explicação é possível compreender que a diversidade de significados demonstra que a capoeira é uma manifestação que reflete complexidade cultural.

Portanto, ao considerarmos a capoeira como conteúdo de ensino, destaca-se seu papel na formação cidadã. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei Nº 9394/1996 que estabelece que a educação deve abranger os processos formativos desenvolvidos em diversos contextos da vida, como a convivência humana, o trabalho, as instituições de ensino, os movimentos sociais e as manifestações culturais (Brasil, 1996).

A capoeira se insere de forma significativa nesse contexto, pois contribui para o desenvolvimento de uma educação integral e plural, capaz de refletir sobre aspectos sociais, históricos e culturais do Brasil. Além disso, em 2003, a Lei 10.639 tornou obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-brasileira nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, tanto nas Redes Públicas quanto Privadas. Essa legislação abrange o estudo da cultura negra e a luta dos negros no Brasil, além de valorizar o patrimônio histórico e cultural afro-brasileiro (Brasil, 2003).

Nesse contexto, a capoeira se torna uma ferramenta pedagógica poderosa para o cumprimento dessa diretriz, pois possibilita a abordagem de temas ligados à resistência, à identidade cultural e à história afro-brasileira.

O componente curricular de Educação Física, ao proporcionar a vivência de práticas corporais originadas em diversas manifestações culturais, inclui a capoeira como parte importante dessa diversidade. A capoeira, nesse sentido, é valorizada não apenas como uma prática corporal, mas como uma experiência de socialização e expressão cultural.

Após a discussão do caminho da História e das raízes da capoeira, apontaremos como essa temática pode ser abordada nas aulas, a partir da prática por meio do storytelling. A história a seguir, de autoria própria, apresenta-se como uma sugestão para professores de Educação Física que pretendem utilizar essa estratégia de contar histórias em suas aulas. Pois, apesar de centrada na capoeira, vale salientar que ela pode ser utilizada em diversas temáticas:

“ENTRE CORRENTES E GRILHÕES: O SOM DA ESPERANÇA”

Era uma vez, há muito tempo, numa época de dor e sofrimento, falam de um som que nasceu do silêncio. Som esse que o vento levou dos oceanos até o

coração do Brasil. Quando ele surgiu? - Você se pergunta. Ora, quem há de saber? Ninguém sabe com precisão o dia. Somente que um corpo, de um povo que nunca desistiu de existir, foi o responsável pelo seu surgimento.

No porão de um navio – um ambiente escuro e carregado de semblantes de tristeza – dava pra se ouvir o som do mar e, infelizmente, o das correntes.

Que som é esse? Em meio a dor, alguém começou a marcar um ritmo com o pé. Ao perceber o ritmo, outro levanta e responde com o corpo. Que fascinante! Estão dançando? Era como se o fizesse – Mas, para além disso, era também uma forma de lutar sem mostrar que estavam lutando. Num ditado popular, “A boca fala aquilo que o coração está cheio!” para esse povo, essa forma de expressão servia como “o corpo fala o que a boca não pode dizer.”

Em noites de lua cheia, quando o capataz dormia, era hora de transformar o chão de terra batida num palco. Na qual, homens e mulheres transformam a dor em movimento. Do outro lado, quem via de longe, tinha a certeza de que estavam dançando. Porém, em meio a rodopios, pulos e desvios, entre eles sabiam que isso era sinônimo de grito por liberdade disfarçados de canto.

Enfim, o tempo passou... Antes segredo, hoje celebração. Peguem os tambores, o pandeiro, o berimbau – não esqueçam o principal, o canto. Vamos nos juntar em roda, cantar história, lembrar antepassados, brincar, se desafiar e, principalmente, se respeitar. Isso tudo é arte, cultura, resistência e corpo.

De símbolo de resistência à patrimônio cultural do Brasil e do Mundo – A capoeira.

A história supracitada trata-se de uma narrativa autoral que retrata o uso do storytelling como uma estratégia de ensino para tratar do conteúdo da Educação Física. Com ela, houve o resgate da origem e significado da capoeira, que foi trabalhado de modo a valorizar as raízes africanas no Brasil.

No que tange à forma que foi utilizada essa estratégia de aplicar o storytelling, nessa história foi possível perceber, como visto no início da história em “Falamos de um som que nasceu do silêncio [...]”, que os recursos narrativos utilizados despertam a curiosidade e conecta emocionalmente o leitor. Logo, o aluno sente o contexto histórico que originou a capoeira.

Outro recurso de narrativa que pode ser evidenciado nestas histórias está presente no trecho que diz “o escuro do porão “ ou “o corpo fala o que a boca não pode dizer”, quando ao invés de somente descrever de forma direta ou seca a dor

desse povo, utiliza-se de imagens poéticas, metáforas para evocar a dor da escravidão. Bem como, permitir que o leitor compreenda a dimensão humana da resistência.

Uma boa história é importante para chamar a atenção dos estudantes, estimulando o engajamento e participação ativa no processo de ensino-aprendizagem. Porém, é primordial destacar que:

A voz que traz o texto emociona quem ouve. Esse envolvimento afetivo mantém-se na memória de quem participou da performance. Referentes à voz também são os silêncios que apoiados pelos gestos, pela mímica dão mais vida à palavra. Na vivência do contar não só o dizer implica. O contador de histórias com a sua maneira de fazer-se presente através dos textos que apresenta justifica a sua prática inscrevendo-se na memória dos seus ouvintes. (Silveira, 2014, p.9)

Portanto, o narrador, utilizando uma determinada forma pela qual a história será contada, desempenha um papel fundamental para a capturar a atenção e assegurar que os estudantes compreendam a mensagem que está sendo passada com a leitura da história. Logo, essa contação de história é uma performance³ que engloba recursos como corpo, gesto, olhar, interação e voz.

Dito isto, fica evidente que a utilização da contação de história nas aulas de educação física age como uma estratégia que desperta emoção, imaginação e pertencimento cultural. No entanto, para que a experiência do uso do storytelling contribua positivamente na construção de uma educação emancipatória, é indispensável que o professor promova a problematização dos conteúdos presentes na narrativa.

Entretanto, vale ressaltar que, embora o uso do storytelling favoreça a participação e engajamento dos estudantes, sua eficácia depende de um planejamento intencional que compreenda que a tríade conteúdo-forma-destinatário se determinam mutuamente. Nesse sentido, Carvalho (2025, p.8) reforça que o “domínio da tríade conteúdo-forma-destinatário é essencial para processos de ensino e aprendizagem realmente desenvolventes.” Sem uma mediação docente de forma sistemática, qualquer utilização dessa estratégia nas aulas corre o risco de ser esvaziada de profundidade teórica e desvinculada dos objetivos do processo educativo.

³ A autora cita Zumthor, (1997: 33) para explicar que “a performance é a ação complexa pela qual uma mensagem poética é simultaneamente, aqui e agora, transmitida e percebida. Locutor e destinatário, e circunstâncias (quer o texto, por outra via, com a ajuda de meios linguísticos, as represente ou não) se encontram concretamente confrontados, indiscutíveis. Na performance se redefinem os dois eixos da comunicação social: o que junta o locutor ao autor; e aquele em que se unem a situação e a tradição.”

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, mediante uma pesquisa do tipo bibliográfica e com caráter qualitativo, este trabalho possibilitou compreender a possibilidade de aplicação do storytelling - como uma estratégia de ensino - no contexto de Educação Física escolar, mais especificamente na temática da capoeira, e refletir sobre suas implicações.

A partir da análise dos textos foi possível identificar que os autores convergem quanto à necessidade de superar um ensino tradicional, buscando uma educação emancipatória e, para além de compreender possibilidades de como superar esse modelo antigo, a partir dessas novas estratégias de ensino.

Além disso, os estudos mostram contribuições importantes para o processo de ensino-aprendizagem com a prática do storytelling nas aulas. Dentre eles, destacam-se: o engajamento dos alunos, pois histórias bem contadas capturam a atenção e tornam as lições mais envolventes; a contextualização do conhecimento, tornando o aprendizado mais aplicável à realidade do aluno e facilitando a imersão em diferentes culturas; e, por fim, a acessibilidade e memorabilidade, torna o conteúdo mais acessível e memorável, facilitando a compreensão de conteúdos mais complexos.

Com isso, ao trazer para o cenário da Educação Física escolar, mais especificamente na temática da capoeira, o storytelling favorece a transformação da atividade física numa experiência integral, pois ela deixa de ser reduzida apenas para movimento ou exercício e passa a envolver imaginação, cultura e reflexão.

Outra vantagem do uso do storytelling na temática da capoeira é que ele permite que o conteúdo seja ensinado em sua plenitude. Isso possibilita tratar do fato de que a capoeira, para além da ginga, do chute, ela é história de um povo escravizado, de resistência e identidade do povo afro-brasileiro.

Vale ressaltar que, para garantir que o uso dessa estratégia contribua com o processo de ensino-aprendizagem, o narrador, que nesse caso será o professor, precisa estar atento a forma como essa história será contada e, também, buscar elaborar questões problematizadoras para estimular uma educação emancipatória. Pois, isso evitará que o storytelling seja reduzido a práticas espontâneas sem fundamentação.

6. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE CIRIMBELLI SOUZA, Aline; GONÇALVES MENDES GALIOTTO, Cláudio; INÁCIA RIBEIRO, Débora. Metodologias ativas em educação e o desenvolvimento do protagonismo em adolescentes: uma investigação teórica. *Revista Educação, Cultura e Sociedade*, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 147–157, 2023. DOI: 10.30681/recs.v13i2.11851.

BARROS, Luke Harrison Martins de. CONTANDO HISTÓRIAS, O PODER DO STORYTELLING NA EDUCAÇÃO, *Revista Tópicos*, vol. 3, nº 24, 2025

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. (Coleção Educação Contemporânea).

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003: inclui a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira no Currículo Oficial da rede de ensino. Brasília, DF: Casa Civil, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018

BORTOLAZZO, Sandro Faccin. Storytelling: entre usos, benefícios e aprendizagens. *Ensino em Re-Vista*, [S. l.], v. 31, n. Contínua, p. 1–24, 2024. DOI: 10.14393/ER-v31e2024-33. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/74104>. Acesso em: 25 out. 2025.

BRITO, Ana Paula Gonçalves; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SILVA, Brunna Alves da. A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área de educação. *Cadernos da Fucamp*, v. 20, n. 44, p. 1-15, 2021.

CAMPOS, Helio. *Capoeira na escola*. Salvador, BA: EDUFBA, 2001

CARVALHO, Bruna. Storytelling como metodologia ativa na formação docente: potencialidades, limites e reflexões críticas. *Revista Acadêmica Online*, v. 11, n. 58, p. 1-24, 2025. DOI: 10.36238/2359-5787.2025.V11N58.1558.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A.; SILVA, Roberto da. *Metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

CORRÊA, C. R. G. L.. A relação entre desenvolvimento humano e aprendizagem: perspectivas teóricas. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 21, n. 3, p. 379–386, set. 2017.

DEWEY, John. *Democracia e educação: introdução à filosofia da educação*. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. Estudo preliminar de Leonardo Van Acker. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979. (Atualidades Pedagógicas, v. 21).

FERREIRA, Amauri Carlos. Os Gregos: a aprendizagem pela narrativa e representação. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 21, n. 35, p. 12, 2020. DOI: 10.5752/P.2237-8871.2020v21n35p12. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/cadernoshistoria/article/view/25258>. Acesso em: 10 out. 2025.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *RAE - Revista de Administração de Empresas*, [S. l.], v. 35, n. 2, p. 57–63, 1995. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rae/article/view/38183>.

MACHADO, Luís Eduardo Wexell. *Oralidade e Escrita: a performance da memória, segundo o olhar de Paul Zumthor*. *Kaliope*, ano 2, n.3, 2006

MELO, Vinícius Thiago. A capoeira na escola e na Educação Física. *Motrivivência*, v. 23, n. 37, p. 190-199, dez. 2011. DOI: 10.5007/2175-8042.2011v23n37p190.

NONATO, K. J. et al. Formação docente na era digital: Reflexões para a mudança. In: Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica, 12.Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação Stricto Sensu,3., 2021, Online. Londrina: Editora Científica, 2021. Disponível em: <https://repositorio.pgsscogna.com.br//handle/123456789/37610>
Acesso em: 09 out. 2025

PEREIRA, W. R. F. Reflexão sobre o uso de tecnologias da educação no ensino superior. *REVISTA INTERSABERES*, [S. l.], v. 8, n. 16, p. 82–95, 2013. DOI: 10.22169/revint.v8i16.372. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/372>.
Acesso em: 10 set. 2025

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico [recurso eletrônico]. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. (Coleção Educação Contemporânea).

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 11. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. (Coleção Educação Contemporânea).

SILVEIRA, Maria Claurênia Abreu de Andrade. Contação de histórias: oralidade, gesto, voz – performance. In: XVII CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA – ALFAL 2014, João Pessoa, 2014. Anais [...]. João Pessoa: ALFAL, 2014.

TAVARAYAMA, Rodrigo; SILVA, Regina Célia Marques Freitas; MARTINS, José Roberto. A sociedade da informação: possibilidades e desafios. *Nucleus*, v. 9, n. 1, 2012. DOI: 10.3738/1982.2278.604.

VENÂNCIO, Washington Luiz; LEMOS, Fábio Ricardo Mizuno. Capoeira na Educação Física escolar: compreensões sobre uma intervenção no Ensino Fundamental. *Corpoconsciência*, Cuiabá-MT, v. 29, e18981, p. 1-22, 2023. DOI: <https://doi.org/10.51283/rc.27.e18981>

VENÂNCIO, Washington Luiz. Ensino lúdico da capoeira no ensino fundamental: análise de uma proposta realizada nas aulas de Educação Física. 2024. 100f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2024

VYGOTSKY, L. S. Formação social de mente. São Paulo: Martins Fontes, 1995.